

cionários dessas comédias – valorização do machismo, submissão da mulher – mas dirigidos contra o ‘mau gosto’. O meu gosto é o bom, o teu é o mau. Uma campanha moral e estética tipo Senhoras do chá das cinco”. (artigo *Ela (a pornochanchada) dá o que eles querem?* in *Movimento* 19/01/1976).

Estas “senhoras do chá das cinco” continuam em atividade. Recentemente, um grupo delas entregou ao ministro da Justiça um manifesto contra a imoralidade, que conteria 100 mil assinaturas, número respeitável. Um dos alvos seriam as pornochanchadas exibidas na TV nas sextas-feiras, às 23 horas pelos canais 7 de SP e 11 do RJ. A imprensa, e mesmo certas autoridades, lhes deu imerecido destaque. Segundo o artigo *Cenas para um casamento* de Paulo Roberto Ferreira, publicado em *Luz & Ação* (set. 1981), foi o seguinte o IBOPE dos referidos filmes quando da sua exibição no canal 7 no mês de maio: *Pintando o sexo* (716.000 aparelhos ligados), *Um golpe sexy* (774.000), *A superfêmea* (743.000), *Quando elas querem, e eles não* (846.000). Cada um deles, portanto, deu pelo menos sete ou oito vezes o número de assinaturas do manifesto acima mencionado. Se calcularmos uma média de três espectadores por aparelho, iremos a quinze vezes mais. Deve ser a tal maioria silenciosa . . .

O moralismo acentuado, porém, não é privilégio apenas dos conservadores. Revolucionários como Glauber Rocha também incorreram nos mesmos exageros, perdendo-se num mar de erros depois de terem achado a pista do certo. Num texto pouco conhecido (*Crítica* /01 a 07 de setembro de 1975) ele chegou a bradar: “este cinema de pornochanchada é o miserável espelho de um fascismo congênito. As pornochanchadas realizadas por analfabetos grossos e cafajestes classe média, servem apenas como relatório, informação do grau de fascismo. (. . .) As realizadas por diretores intelectualizados são piores ainda, porque revelam o acordo que alguns intelectuais covardes e fracos fazem com a sua própria consciência (. . .). O mais grave é o fato desses cineastas falarem publicamente de seus filmes como produtos revolucionários, tentando iludir o Estado e o povo com as suas malandragens mal teorizadas e pior realizadas”.

Esclarecendo. Na produção cinematográfica internacional, os produtos eróticos são divididos em *hard-core* (contendo sexo explícito com penetração em *close*) e *soft-core* (simulação de coito e sexo “em repouso”). Espantem-se os guardiões dos bons costumes, mas praticamente *todas* as seqüências ditas escandalosas do cinema nacional pertencem ao segundo gênero. Cláudio Cavalcanti desvirginando uma melancia em *Vereda tropical* – 1977 de Joaquim Pedro de Andrade. Sonia Braga, a nova rainha das bilheterias, fornicando em pé com um velho horrendo em pleno cemitério, ou debaixo de uma cascata com o mulatão motorista de ônibus (*A dama do lotação* – 1978 de Neville d’Almeida). Helena Ramos lambida por um cavalo em *Mulher, mulher* – 1978 de Jean Garret. O travesti Eloina, interpretado pelo ator Anselmo Vasconcelos, na cama com Tarcisio Meira/Mariel em *República dos assassinos* – 1979 de Miguel Farias Jr. Cristiane Torloni e Nicole Puzzi em *Ariela* – 1980 de John Herbert, fazendo sexo numa mesa de bilhar. Zélia Diniz e o gafanhoto no episódio de John Doo em *Pornô* – 1981. Sem contar as grotescas e apavorantes seqüências de sado-masiquismo das produções Galante, tipo *Escola penal de jovens violentadas* – 1977 de Antônio Meliande ou *Internato das meninas virgens* – 1977 de Osvaldo de Oliveira. Tudo *soft-core*. Me parece, entretanto, bastante significativo que o público não se contente mais com a simples nudez de *Le film du diable* e, cada vez mais, o erotismo venha sendo associado à violência, de maneiras mais ou menos sofisticadas.

No gênero *hard-core* nossa produção é ainda incipiente. *A gostosa da gafeira* – 1980 de Roberto Machado, *A prisão* – 1981 de Alfredo Sternheim e *Viagem ao céu da boca* – 1981 de Roberto Mauro contém cenas de sexo explícito. Não são os únicos – apenas os mais ilustres. A regulamentação das “salas especiais” (novo nome para as de “gênero livre” do início

do século) talvez possibilite o florescimento de mais este ciclo do cinema brasileiro. Circunscrito pelo gueto evidentemente, mas até certo ponto livre, este mercado desde já nos prepara os mais exdrúxulos exemplares da contribuição brasileira à *psichopathologia sexualis* cinematográfica.

Portanto, sobre o erotismo no cinema nacional talvez possamos dizer como o ditado popular, que “a ocasião faz o ladrão”. Ou concordar com o velho general Golbery quando, na Escola Superior de Guerra, falou das sístoles e diástoles que regem os nossos destinos.

1 vide Alice Gonzaga Assaf (*Só para homens/O sexo nos filmes mudos brasileiros*, in *Ele & Ela* n° 150, 1981).

2 vide Michel do Espírito Santo (*70 anos de censura*, in *Diagnosis*, RJ, fevereiro de 1980).

3 vide Jean-Claude Bernardet (*Filmografia do cinema brasileiro 1900-1935*, SP, Secretaria de Cultura, 1979).

4 quando este artigo já estava pronto recebi informações suplementares de Alice Gonzaga Assaf sobre o *affair Anjo do lodo*. Em resumo: o filme foi liberado para maiores de 18 anos mas retirado de cartaz pelo então chefe da censura sob campanha pública encabeçada pelo deputado democrata cristão Jânio Quadros. Por outro lado, o filme foi defendido por intelectuais como José Lins do Rego, Antonio Olinto e Prudente de Moraes Neto. Convocada nova apreciação, foi novamente liberado com um corte, que não era de nudez “explícita” da protagonista, mas sua silhueta refletida na parede. Maiores detalhes no livro inédito *50 anos Cinédia* de Alice Gonzaga Assaf. A informação do diretor encontra-se no seu livro *Minhas memórias de cineasta* (RJ Artenova/Embrafilme, 1978).

ENTREVISTA COM A. P. GALANTE

O rei do cinema erótico

FC – Você gosta de ser chamado de “produtor da Boca” ou sente alguma conotação negativa nesta qualificação?

A.P. GALANTE – Não tenho esse complexo, porque foi três ou quatro críticos que deu esse título aí. Os críticos cariocas colocam os filmes paulistas abaixo dos cariocas, então dizem “filme da Boca do Lixo”. E não falam do Beco dos Vagabundos que há no Rio. Então ficou nisso aí: os críticos do Rio apelidaram de Boca do Lixo a produção barata. Isso já tá com uns quinze anos, doze anos que surgiu. Ficou e ninguém apaga. Antes não tinha esse negócio de Boca, existia um pessoal que queria fazer cinema, entende? Aí começou a chegar os aventureiros e se formou a Boca do Lixo. Veio sapateiro, veio não-sei-que investir dinheiro aqui, e ficou. Mas todos já sumiram, hoje diminuiu a produção. Todo o pessoal que queria investir desapareceu. Eu não perdi dinheiro porque tenho outra visão, sei lá. Tenho sorte, vamos dizer.

FC – O teu relacionamento profissional com o cinema é exclusivo ou você tem outra atividade?

GALANTE – É exclusivo, eu vivo de cinema, da produção de cinema. Estou produzindo seis ou sete filmes por ano, entende? Sou o único produtor que vive de cinema, não vivo de juro, não vivo de nada, vivo de cinema. Tenho meu estúdio, que construí com dinheiro

de cinema, um patrimônio de 70 a 80 milhões de cruzeiros. Fica no bairro de Santana e tem 1.500 metros de construção. Para o cinema nacional é uma área grande, mas para o americano é uma titica. Tenho estúdio, camarim, restaurante e todo o equipamento: refletores, câmeras, *colortran*, tudo completo.

FC — Me dê alguns dados biográficos.

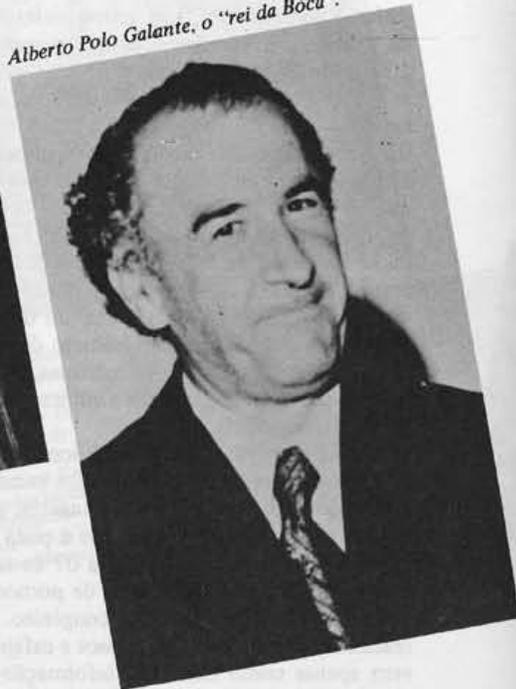
GALANTE — Meu nome completo é Antônio Polo Galante. Então eu abrevio e fica A. P. Galante. Nascido dia 6 de novembro de 1934 em Itambi, no estado de São Paulo, perto de São José do Rio Preto. Sou órfão de pai e mãe, criado no Juizado de Menores desde os dois anos de idade. Fiquei até os 16 anos, quando fui para o Rio de Janeiro aventurar a vida. Aos 19 anos fui fazer o serviço militar. Saí de lá e entrei na Maristela, foi o meu primeiro emprego. Quem me deu foi o Alfredo Palácios, meu ex-sócio. Foi um acaso. Eu estava jogando futebol — modéstia a parte, eu jogava bem — e tinha um electricista, o Carioca, que me disse: “Cê quer trabalhar em cinema?” Eu disse: “Puxa, que bacana trabalhar em cinema”. E fui para os estúdios Maristela. Fui para lá e me botaram como faxineiro. Tudo bem, eu achava aquilo tudo bonito, nunca tinha visto aquelas coisas. Tinha acabado o filme *Mãos sangrentas* e começou o *Leonora dos sete mares*. O Palácios me deu o chão para lavar, refletores para limpar. No segundo filme na Maristela, *Quem matou Anabela*, eu fui o décimo oitavo electricista. Aí fui a chefe. Depois, eu fui trabalhar na Jota Filmes com o Jacques Deheinzelin, fui ser electricista e comecei a aprender a ser assistente de câmera. Isso foi em 1957. Saí da Jota e fui fazer o filme do Khoury, *A ilha*, como assistente de câmera e chefe de equipe, já estava conhecendo um pouco melhor as coisas de cinema . . . Depois voltei pro comercial. Galileu Garcia me chamou para trabalhar na Documental, e a Lynx estava querendo o meu passe. Fui chamado para um trabalho na Universidade de São Paulo e dirigi e fotografei documentários para a faculdade.

FC — Isso era antes da Escola de Comunicação, a ECA?

GALANTE — Era na própria. E o Ramalho (Francisco), Batista (João Batista de Andrade) estavam sempre comigo lá na USP vendo como é que mexia na câmera. Fui eu quem coloquei praticamente os dois na vida de cinema, com uma câmera 16mm que eu vendi pra eles. Aí larguei a USP e fui trabalhar em longa-metragem, quando apareceu um filme chamado *Erótica* do Ody Fraga, que não tinha terminado, faltavam 30 minutos. Essa foi a primeira produção que eu comprei, eu com o Silvio Reinoldi. E deu resultado o filme,



Alberto Polo Galante, o “rei da Boca”.



gostei. O Silvio entrou como montador, dirigiu o resto e tinha 20%. Eu fiquei com os 80%. Naquela época, o filme custou, se não me engano, 500 mil cruzeiros, quer dizer, 500 cruzeiros. Nós mudamos o título de *Erótica* para *Vidas nuas*. E fez sucesso, ficou quatro semanas no cine República. Você se lembra do República, um cinema enorme, uma caveira de burro pro cinema nacional. Mas eu arrisquei e deu sorte. Em quatro semanas, deu 14 milhões, 14 mil, era uma senhora renda. Aí o Person me fez a proposta de *Trilogia do terror*, entrei de sócio e me enterrei até a cabeça. Na *Trilogia*, era o Candeias, louco; meu amigo Person, malucão; e o Mojica, bêbado. Fiz um filme até sério demais, me estrepei, perdi tudo, vim para estaca zero (Risos). Comecei a trabalhar nas *Cariocas* como assistente de câmera de novo, fiz os três episódios. Voltei a trabalhar na Documental e na Lynx. Aí o Silvio Back me propôs entrar no *Lance maior*, fiz uma sociedade com o Palácios (Servicine) e ficamos com 60%. Aí abrimos uma distribuidora e começamos a produzir *Cangaceiro sanguinário*, *Sertão em festa*, *Rancho fundo*, *Mulher de todos*. Chegamos a produzir 32 filmes em 12 anos, aí, em 1976, desmanchei a sociedade por problema com os filmes todos, que foram mal. Produzimos quatro filmes de peso, entre eles *A guerra dos pelados*. (Galante atende ao telefone. Trata-se de alguém da Rede Globo acertando detalhes para alugar seus estúdios). Um negócio da China!

FC — Mas a Globo vai alugar os estúdios, especificamente . . .

GALANTE — Casa, estúdios, tudo, durante dois anos. Eles vão pagar um aluguel bom. Eles vão fazer uma novela a partir do dia 15 de novembro, casos especiais, se não me engano parece que é com a Regina Duarte e o Antônio Fagundes. Para mim foi sensacional!

FC — Ali na parede o cartaz de *Paraíso proibido* do Carlos Reichenbach, está escrito: “Roberto Galante apresenta”. Quem é Roberto Galante?

GALANTE — É meu filho. Ele é produtor. Esse é o segundo filme dele. Eu emprestei o dinheiro, ele investiu. Está se iniciando como produtor porque eu pretendo me aposentar daqui a dois anos. Tô com 47 anos, num guento mais, muito trabalho, né?

FC — Você é religioso praticante?

GALANTE — A única coisa que eu sou é católico, não tenho outra religião. Mas não sou praticante, não. Não vou a igreja. Mas faço minha rezinha.

FC — Quantos filmes você já produziu até agora?

GALANTE — Com o Palácios, 32. Sozinho, em cinco anos, 23. Dá uma média de cinco a seis filmes por ano. Eu sou um produtor bem sucedido, os meus filmes todos dão resultados porque eu tenho um esquema diferente de produzir. Nunca tenho um filme sozinho. Eu produzo o filme com o meu dinheiro e vendo 50% ao exibidor pelo custo da produção. Aí ele me paga a produção e 50% é dele. Já começo outro filme com esse dinheiro e já tenho o lançamento

garantido. O único filme que produzi sozinho foi *Convite ao prazer* do Khoury e que a EMBRAFILME me deu 3 milhões e meio de adicional e me adiantou 2 milhões por conta da renda. E felizmente deu certo. Deu muito dinheiro, tá perto de 100 milhões de faturamento. A EMBRAFILME para mim é a melhor distribuidora brasileira.

FC — Normalmente, quem distribui seus filmes?

GALANTE — A Empresa Sul ou a Paris Filmes. Qualquer distribuidora, desde que faça negócio comigo em 50%. Eu não tenho distribuidora, não tenho nada, eu só produzo. Eu sou um camarada que dou mais trabalho ao pessoal de cinema. E lanço muita gente nova.

FC — Dizem por aí que você paga pouco. É verdade?

GALANTE — Eu não pago pouco, pago dentro da verdade do cinema brasileiro. Se você vê a tabela do Sindicato, eu pago sempre 2 mil ou 3 mil a mais da tabela. Eu sou o único que tenho uma carta do Sindicato dos Atores dizendo que o único camarada que paga os impostos, que paga tudo direitinho chama-se A. P. Galante. Eu tenho a carta e está no boletim deles. Você vê: o meu escritório é vazio de pessoas que vêm receber. Porque acabou o filme, eu pago, e tenho caixa para pagar. Eu vendo 50% pra não ter amolação.

FC — Então, você tem uma boa equipe de produção...

GALANTE — Quatro pessoas na equipe. Eu pego duas de produção de cinema e duas pessoas da Escola de Comunicações. Eles estão querendo praticar. Então eu dou uma ajuda de custo. Isso é em todo filme eu tenho duas ou três pessoas aprendendo. Sempre tenho gente que vem aqui e pede. Não pago salário de profissional porque não é, mas dou todas as condições de um profissional. Pago os direitos, tudo direitinho.

FC — Existe alguma diferença entre os filmes que você gosta enquanto espectador e os que você produz?

GALANTE — Olha, eu fiz um filme que eu não gosto, *Filhos e amantes* do Francisco Ramalho. É um filme caro e não faz o meu gênero. O gênero dele é o tal de filme difícil. É um filme fechado, que não se comunica com a massa, entendeu? E nós não temos público pra esse tipo de filme aí. Eu acho que não temos. *Eles não usam black-tie*, tudo bem. Mas eu não acredito que o filme do Ramalho vai fazer sucesso de bilheteria, acredito que vou perder os 17 milhões.

FC — Nesse filme você gastou mais do que normalmente?

GALANTE — Exatamente. O normal é gastar 8 ou 9 milhões, nesse gastei 17, então você vê que não sei se vou recuperar. Pode ser. O filme do

Khoury eu estava com medo mas recuperei. Porque cinema é loteria: você nunca sabe o que vai dar... Mas eu estou com medo do filme do Ramalho, que é uma produção muito bem feita, classe A. Eu produzi filme chamado pornochanchada mas também produzo fita classe A. Na minha vida faz falta, na vida de produtor, porque eu sou muito mal visto pela crítica, né?

FC — Então você dá importância à crítica...

GALANTE — Não. A crítica brasileira é amadorística, como o nosso cinema é amador. Se você perguntar pra um crítico o que é cinema, ele não sabe dizer. Sabe porque leu um livro. Mas se for dentro de um local de filmagem, ele tá perdido. A não ser o cara que já fez três ou quatro filmes e é crítico. Aí tudo bem: conhece todo o problema da produção do filme.

FC — Como espectador, de que tipo de filmes você gosta?

GALANTE — O filme do meu gosto é o que dá dinheiro, a pornochanchada. Esse é o filme com que mantenho minha estrutura, compro equipamento, pago meu pessoal, porque eu não tenho dinheiro da EMBRAFILME.

FC — Então você gosta muito de pornochanchada...

GALANTE — Não, não gosto, eu necessito para sobreviver, porque é um filme barato. É claro que se eu pudesse colocar só um filme como o do Ramalho, do Khoury, esse tipo de filme *Bye Bye Brasil*... Eu faria esse tipo de filme se tivesse público pra esse tipo de filme. Mas eu não tenho esse público! O público que eu conheço é esse aí...

FC — Isso funcionaria mais ou menos como uma fórmula de sucesso?

GALANTE — Uma fórmula de sucesso: filme barato, apelo comercial que é o tal de mulher nua, né?, e os títulos.

FC — Então você se baseia muito nos títulos?

GALANTE — Primeiro eu vendo o título para o exibidor.

FC — Ah é ?!?!?

GALANTE — Eu fiz um filme agora, que me deram o resumo de um filme pornográfico dos Estados Unidos, que se chama *Lilian, a suja*. É a história de uma mulher que tem relação sexual, acabou, ela mata o cara, entendeu? Pra não ficar defamada no bairro! Um resumo aí que eu peguei de um filme estrangeiro e copieei. Vendi pro exibidor por 5 milhões. O filme custou 4. O título americano também era o mesmo (risos). Como esse filme não vai entrar aqui, então eu...

FC — Não vai entrar porque é pornográfico?

GALANTE — É um filme pornográfico, mas eu fiz mais leve, com apelo erótico.

FC — Você não está a fim de fazer filmes pornográficos?

GALANTE — Eu fiz um. Chama-se *A prisão*, ainda não estreou, o Conselho (Superior de Censura) colocou pra sala restrita. Esse eu fiz no meu estúdio. Tem sexo explícito direto. Construí uma prisão e no mesmo cenário eu fiz dois filmes. Um mais leve, *As prostitutas do doutor Alberto*, que o Alfreidinho Sternheim dirige. E fiz *A prisão*, que é um filme violento, dirigido pelo Osvaldo de Oliveira. Com a Maria Stella Splendore, Serafim Gonzales e a Meiry Vieira...

FC — Normalmente, quanto tempo você gasta em filmagem?

GALANTE — Um filme como *A filha de Calígula* (não sei se você viu, é uma porcaria!) eu fiz em 15 dias. Com 20 dias saiu a primeira cópia. Em 30 dias, lançamento nacional. Esse filme custou 5 milhões e já faturou 60! Fiz com a Empresa Sul. Só no Norte ele fez 15 milhões de faturamento numa semana, uma loucura. Minha base de orçamento é 7 milhões de cruzeiros, porque tenho uma equipe muito grande.

FC — E a renda média?

GALANTE — A média: todos os meus filmes vão num padrão assim de renda de 60 a 70 milhões. Não rende 70 pra mim, você sabe disso. O produtor recebe entre 16 e 20%. Eu tenho sócio, quer dizer, ganho 10%, ganho 7 milhões. Dizem de 25 a 26%, mas não recebe, porque o produtor é roubado, não existe meio a meio.

FC — Mas existia.

GALANTE — É 50%, mas você tira a distribuição, publicidade fora do borderô, que disso ninguém escapa, nem o produtor pequeno nem a EMBRAFILME, há o borderô por fora, sempre. Esse é a comilança, é o negócio fora de imposto, para o exibidor. O produtor trabalha para o exibidor e o distribuidor. Eu nunca tive problema com exibidor em função disso, porque entro num acordo e vendo 50% para eles como falei antes. Então, pra mim, tudo que vem é lucro. Apuro com cada filme 5 a 6 milhões líquido. Se eu faço cinco filmes, são 25 milhões por ano.

FC — Mas você não gasta 7 milhões *exatamente*. Os filmes são orçados em 7 milhões...

GALANTE — São orçados em 7 ou 8 milhões. Mas eu gasto 4 ou 4 e meio, entendeu? Eu vendo 50%...

FC — Qual o seu filme de renda mais alta?

GALANTE — *Convite ao prazer*, com 100 milhões. E o de renda mais baixa de chama *Terapia do sexo*, uma fita científica dirigida pelo Ody Fraga. É um documentário feito em 12 dias. Mas se pagou. Tinha o doutor Gaiarsa falando 15 minutos narrando o filme. Isso não leva público. Eu queria fazer um negócio diferente, mas não deu certo.

FC — Que filme deu mais trabalho em termos de produção?

GALANTE — *Filhos e amantes*, *A guerra dos pelados* e *Convite ao prazer*. Tive problemas com atores devido a televisão, problema de diretor com aquelas frescuras dizendo que é gênio. E são todos primários. Os diretores brasileiros são todos primários. Faz um plano por dia, "hoje eu não posso trabalhar, tô com a cuca quente" . . . Pra dizer que é gênio . . . Nós não temos ainda uma estrutura para agüentar um filme fazendo um plano por dia . . .

FC — Esses filmes de produção mais difícil, costumam demorar quanto tempo de filmagem?

GALANTE — 50 ou 60 dias. O do Ramalho demorou 58, tudo rodado em Itatiaia.

FC — Como você escolhe o argumento para um filme?



Embora pareçam do mesmo filme, estas fotos são de cinco diferentes produções Galante do gênero "prisão feminina". A saber: Pensionato das vigaristas — 1977 de Oswaldo de Oliveira, Internato de meninas virgens — 1977 de Oswaldo de Oliveira, Escola penal de jovens violentadas — 1977 de Antonio Meliande (entre outras, Zélia Martins e Sueli Aoki), Reformatório das depravadas — 1978 de Ody Fraga (Lola Brah e Sueli Aoki), As prostitutas do doutor Alberto — 1982 de Alfredo Sternheim.

GALANTE — Esse tipo de filme sem compromisso, eu é que bolo as histórias, certo? *Os garotos virgens de Ipanema, Internato de meninas virgens*, o próprio *Lilian, a suja, A prisão*. Faço um resumo e dou para o diretor desenvolver e aprovo depois, depois que estiver mais ou menos como eu quero. Interfiro no roteiro de todos eles. Do Khoury, a mesma coisa. *O Prisioneiro do sexo* eu tive a primeira briga com ele, que veio aqui com 36 seqüências e eu não aceitei, fica muito lento, muito fechado, entendeu? Eu falei: “se você escrever 80 seqüências dentro deste argumento eu topo a parada. Senão, não”. Acho que num filme tem de acontecer alguma coisa. Filme nacional já é ruim em si, nos diálogos, acho que falta alguma ligação, sei lá o que, o público não aceita ainda. Então, se você desenvolver bem o roteiro, 80 a 90 seqüências com de 10 a 15 planos cada uma, você consegue, não digo um bom filme, mas um filme ao menos movimentado. O sucesso meu está em fazer, por baixo, 1.200, 1.300, 1.500 planos por filme. O Khoury pra mim ainda é o melhor diretor, é um camarada respeitado. Sabe o que quer e conhece todos os problemas técnicos do cinema.

FC — Um pouco antes, você falou de um filme americano que você copiou o argumento, *Lilian, a suja*. E o *Último tango em Paris, Emmanuelle*, você fez quantos?

GALANTE — Fiz um só, *A filha de Emmanuelle*...

FC — Você acha possível prever o gosto do público?

GALANTE — Ninguém consegue prever.

FC — *Paraíso proibido* parece que não está dando muito...

GALANTE — Não deu resultado, a crítica apoiou muito, e quando a crítica apoia, o filme não dá resultado... (risos) É um filme bonito: eu gosto de ver, mas não gosto de fazer esse filme... Falta alguma coisa nesse filme que o público não sentiu. Eu tive sorte com o Reichenbach no primeiro filme, *A ilha dos prazeres proibidos*, foi impressionante o público que deu. Meu filho quiz produzir *O império do desejo*, que não deu certo também. Agora, quem é que sabe a fórmula? Será que se eu colocasse a mão daria certo? Não sei.

FC — Não estaria havendo desgaste desta fórmula, apelo erótico, etc.?

GALANTE — Desgaste, não. Enquanto tiver pessoas completando 18 anos, todos vão ver filmes de 18 anos. Eu acho que não é esse o problema. É que falta alguma mensagem, alguma coisa para massa. Inclusive, *Paraíso proibido* é um filme de classe A e a classe A não foi ver.

FC — E por que lançaram no cine Marabá?

GALANTE — Porque os exibidores estão com o mandado de segurança contra a EMBRAFILME nos cinemas na avenida Paulista, onde não querem exibir filmes brasileiros, então só lançam esses filmes no centro da cidade.

FC — Você acha então que o filão erótico continua sendo a mola do cinema brasileiro...

GALANTE — Não, o cinema erótico acabou depois do lançamento do *Império dos sentidos*. Foi a maior traição do Ministério da Justiça liberar esse filme pra acabar com o cinema brasileiro. E acabou. Porque tudo que tem lá nós não podemos colocar nos filmes nacionais, porque a censura veta. Por que eles têm essa prioridade maior? Eu tive um filme agora, *As prostitutas do doutor Alberto*, que teve dez cortes.

FC — Você acha que as salas especiais representam uma solução?

GALANTE — Não, é um buraco para o cinema nacional. Pelo seguinte: se você tem *Paraíso proibido* num cinema comum e *Garganta profunda* numa sala especial, o público classe C, que quer ver mesmo é sacanagem, vai ver nas salas restritas.

FC — Não seria uma solução produzir filmes pornográficos brasileiros?

GALANTE — Não. Uma produção como *A prisão* custou 7 milhões, vai exibir em 10 salas, se exibir. Será que elas fazem 30 para pagar? Não vai dar pra retornar. Aí não dá pra competir com o produto estrangeiro... O primeiro filme pornográfico brasileiro lançado foi *O bordel*, que foi interdito pelo Ministro da Justiça. Faturou muito bem, é meu. Foi lançado antes do *Vanessa*, foi o primeiro filme pornográfico liberado pelo Conselho. A Censura ainda não sabe o que pornografia, não tem um critério certo. Quem fizer filme com sexo explícito vai se danar, assim como quem tiver um filme comum em cartaz quando abrirem as salas restritas.

FC — Você não acha isso inevitável, na medida em que a pornochanchada promete mais sacanagem do que realmente apresenta?

GALANTE — É exatamente isso. Não podemos colocar um sexo mais violento, que a Censura corta. Então a gente vai na base do título. É o único jeito: enganar o povo. Não tenho condições de produzir nem o primeiro rolo do filme *Calígula*. Só naquela piscina do começo já foi a pique a produção brasileira. Os caras gastaram naquela época 25 milhões de dólares no filme!

FC — Você acha que a Censura ainda tem muita responsabilidade na crise do cinema nacional?



Jonas Bloch, Vanessa. *Paraíso proibido* — 1981 de Carlos Reichenbach. Segundo Galante, não deu dinheiro porque a crítica gostou.

GALANTE — Se você tem uma amizade lá dentro, é um critério. Se não tem, tem outro critério. Eu não acredito em suborno porque estou trabalhando há quinze anos e nunca vi ninguém subornar a Censura. Agora, que não existe critério, não existe.

FC — Você acha que o cinema estrangeiro tem um relacionamento privilegiado com o exibidor?

GALANTE — Não, não tem. Exibidor é um camarada que vê só comércio, seja filme nacional ou estrangeiro. Hoje, o filme nacional é melhor que o estrangeiro em bilheteria. *Paraíso proibido* foi um fracasso, fez 1 milhão e 300 mil em uma semana no Marabá. O filme estrangeiro hoje está fazendo 900 mil. Mas o filme estrangeiro entra 30 ou 40% e o nacional a 50%. Em compensação, o exibidor, vendo mais bilheteria no cinema nacional, começa a ser produtor também. Eu, se quizesse produzir dez filmes por ano, eu produziria. Os exibidores todos me propõem sociedade. Mas, se for um pouquinho mais caro (como *Filhos e amantes*) eles pulam fora.

FC — Mas existe um outro tipo de público...

GALANTE — Existe o público A, que não vai em pornochanchada. Foram ver *Mulher objeto* porque é uma boa produção. Foram ver *Convite ao prazer*, o *Black-tie*. Já essa *Engraçadinha*, ninguém foi ver.

FC — Além da sua aposentadoria, quais seus planos para o futuro?

GALANTE — Estou com vontade de fazer um filme por ano, e olhe lá... Um filme de cinco histórias, na base da comédia. E descansar. Estou com vontade de entrar em teatro, produzir umas quatro peças de teatro. Duas em São Paulo e duas no Rio. O pouco que vou ter esse ano, vou investir em teatro.